O Anel de Diamante

Christoph von Schmid

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Uma narrativa em cartas.

Primeira carta

O pastorzinho Johannes escreve à sua irmã Maria.

Wiesenthal, 1º de maio de 1806.

Querida irmã!

Ontem foi uma bela tarde de primavera. Eu estava sentado debaixo de uma árvore, tocando minha flauta de pastor. Minhas ovelhinhas pastavam tranquilamente junto ao riacho. Meu livrinho, que ainda tenho dos tempos da escola, estava ao meu lado. O sol já se punha, e seus raios ardentes douravam o céu e a terra.

O senhor vigário, um clérigo muito digno, passeava junto ao riacho. Ficou algum tempo me ouvindo. Depois veio até mim. Viu o livrinho deitado na grama.

“Você sabe ler, meu pequeno?”, perguntou-me amavelmente.

“Ah, sim!”, respondi, e logo lhe li uma página sem tropeçar.

Ele pareceu admirado e disse:

“De onde você é? Quem são seus pais, que o mandaram à escola com tanta assiduidade? E como veio parar em nossa aldeia?”

Contei-lhe então toda a nossa história: que a guerra nos havia tirado todos os bens e nos expulsado do país; que nosso bom pai havia morrido na guerra; que nossa querida mãe estava doente numa pobre cabana em Tannenberg, a seis horas daqui; que você, querida irmã, cuidava dela e procurava sustentá-la com seu trabalho de fiar; e que eu, para também ganhar alguma coisa, havia me empregado nesta primavera como pastorzinho aqui em Wiesenthal. Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto lhe contava tudo isso.

Ele me consolou com muito carinho.

“Tenha coragem”, disse, “e não chore! Viva tão piedosa e honestamente quanto seus bons pais, e certamente ainda lhe irá bem.”

Pôs a mão no bolso e me deu esta bela moeda de prata nova, que envio à nossa querida mãe, com a mais filial das saudações. Que Deus permita que ela logo recupere a saúde! Adeus. Sou

seu fiel irmão,
Johannes.

Segunda carta

Maria escreve ao seu irmão Johannes.

Tannenberg, 15 de maio de 1806.

Queridíssimo irmão!

Ah, choro lágrimas ardentes! Minha primeira carta para você é talvez a mais triste que escreverei em toda a minha vida. Nossa querida mãe morreu anteontem à noite e foi enterrada esta manhã.

Na véspera de sua morte, eu estava sentada junto à cama dela. Então chegou sua carta. Li-a para ela. Ela chorou de alegria.

“Ah, minha querida filha!”, disse, “não voltarei a me levantar deste leito de doença. Agora devo voltar para junto de Deus, nosso querido Pai no Céu. Ter criado vocês tão bem quanto pude é agora meu maior consolo diante da morte. Ah, meus queridos filhos! Continuem sempre piedosos e bons, e tornem-se melhores a cada dia. Tenham Deus sempre diante dos olhos, amem-no acima de tudo, guardem seus mandamentos e confiem nele. Creiam de todo o coração em Jesus Cristo, façam tudo o que ele nos ensina e sigam seu belo exemplo. Peçam todos os dias que o Espírito Santo de Deus os guie e governe, e deem ouvidos às suas inspirações. Amem um ao outro. Não façam mal a ninguém. Não deixem que a pobreza e a necessidade os levem a tirar dos outros nem mesmo a menor coisa. Resguardem-se de todo pecado, mesmo do menor, e conservem sua inocência pura e sem mancha. Então Deus certamente cuidará de vocês. Agora também fará as vezes de mãe para vocês, assim como até aqui foi seu pai. Adeus, e não chorem. Vou para junto de Deus e lá sempre pedirei por vocês. Estas são as últimas palavras de sua mãe moribunda. Não as esqueça, querida Maria, e escreva-as também ao querido Johannes. Envio-lhe assim minha última saudação. Bem gostaria de vê-lo mais uma vez neste mundo! Mas no Céu, onde espero certamente encontrar seu falecido pai, todos nós voltaremos a nos ver um dia.”

Ela ainda deu a nós dois sua bênção materna — e três horas depois expirou serena e bem-aventurada! E agora quase gasto meus olhos de tanto chorar!

Não é possível descrever como o senhor padre a preparou bem para a morte e quanto bem lhe fez durante sua longa doença. Visitava-a quase todos os dias e diariamente lhe mandava a melhor comida. Mandou chamar o médico e pagou por ela na botica. Também esteve presente em seus últimos momentos e, com suas palavras de consolo, tornou doce e fácil sua morte. Reze muito, querido irmão, para que Deus recompense o bom senhor padre!

Mas reze também por mim, pois agora sou uma menina muito pobre. De agora em diante, somos ambos órfãos abandonados; mas você já é grande e forte o bastante para ganhar seu pedacinho de pão cuidando das ovelhas. E eu, que farei? Ainda sou fraca demais para o trabalho na lavoura, e tenho medo de mendigar. Nessa vida, é tão fácil cair na devassidão. Que Deus tenha piedade

da sua pobre irmã,
Maria.

Terceira carta

Johannes escreve à sua irmã Maria.

Wiesenthal, 2 de junho de 1806.

Queridíssima irmã!

Você tem razão: que Deus tenha piedade de nós! Mal consigo lhe escrever de tanto chorar. Não há como dizer quanto sua carta me assustou e entristeceu. Ah, quem teria imaginado que nossa querida mãe morreria tão cedo! Mas precisamos nos recompor, pois veja: tudo o que Deus faz é bom. Temos de acreditar nisso, mesmo quando nos parece muito diferente.

Nossa querida mãe agora está bem-aventurada! Assim esperamos. Ela era tão piedosa que certamente está no Céu. Agora está melhor do que nós. Por isso, por ela deveríamos antes nos alegrar!

Deus também cuidará de nós. Ele alimenta cada pássaro no ar e veste as flores do campo. Como poderia se esquecer de seus filhos! Quando o cordeirinho foi tosquiado, Deus manda um vento quente, diz o provérbio. Assim, também nos enviará consolo e auxílio em nossa miséria.

Não chore mais, querida irmã! Vamos antes confiar muito em Deus, rezar e seguir os ensinamentos de nossa boa mãe. Então Deus certamente fará tudo dar certo para nós — e um dia voltaremos a vê-la no Céu, junto dele!

Também incluo uma carta para o senhor padre.

Adeus! Que Deus esteja com você e com

seu irmão,
Johannes.

Quarta carta

Johannes ao senhor padre de Tannenberg.

Reverendíssimo e mui venerado senhor padre!

Não se zangue porque um menino tão pobre como eu se atreve a lhe escrever. É verdade que sou apenas um humilde pastorzinho, mas, mesmo assim, amo de todo o coração todas as minhas ovelhinhas. De bom grado lhes dou do meu pão. Tenho pena delas quando alguma coisa lhes falta e tiro com cuidado os espinhos em que pisam aqui e ali. Tenho especial cuidado com as pequenas. Perdoe-me por lhe falar tão francamente. O senhor também é um pastor.

Certamente ama as ovelhinhas que o verdadeiro Bom Pastor lhe confiou ainda mais do que eu amo as minhas. É justamente isso que me dá coragem para lhe falar com tanta confiança e simplicidade de criança.

Sim, o senhor ama aqueles que estão sob seus cuidados. Mostrou isso com minha falecida mãe. Cuidou dela com tanto carinho como se fosse sua própria mãe. Isso enche meu coração da mais profunda gratidão! E, como meu pai e minha mãe tanto me incutiram a gratidão como uma das mais belas virtudes, especialmente nas crianças, venho expressar meu agradecimento também por escrito. É verdade que não sei dizer direito tudo o que sinto no coração; mas acredite: em parte isso também acontece porque meu coração está tão cheio e comovido. Basta dizer que rezo pelo senhor todos os dias, para que Deus lhe recompense tudo generosamente — e ele certamente o fará!

Perdoe-me por acrescentar agora ao agradecimento um humilde pedido. Minha irmã é agora uma menina muito pobre e abandonada. Sou seu irmão mais velho. Eu deveria cuidar dela; mas, meu Deus, eu mesmo sou mais pobre do que pobre. Chorei e rezei de todo o coração para que Deus me inspirasse o que fazer. Então me ocorreu escrever ao senhor e pedir que tomasse conta dela. Ah, peço-lhe agora, por amor de Deus e do mais íntimo de minha alma: tenha piedade desta pobre órfã abandonada! Na consoladora esperança de que o fará, beijo-lhe respeitosamente a mão e sou, com reverência filial,

de Vossa Reverendíssima o agradecido paroquiano,
Johannes Müller.

Wiesenthal, 2 de junho de 1806.

Quinta carta

Maria ao seu irmão Johannes.

Tannenberg, 15 de junho de 1806.

Queridíssimo irmão!

Quanto lhe agradeço por seu amor! Sua carta ao senhor padre fez minha felicidade.

Logo vesti minhas melhores roupas, que são pobres, mas limpas, e fui procurá-lo ainda pela manhã. Estava no jardim, lendo um livro. Beijei-lhe a mão e disse:

“Aqui está uma carta para Vossa Reverendíssima, de meu irmão.”

Ele fechou imediatamente o livro e abriu a carta. Logo percebi que gostara dela. Sorriu várias vezes durante a leitura.

“Isso é bonito, muito bonito da parte do seu irmão!”, disse ao terminar de ler.

Perguntou se você me escrevia com frequência. Dei-lhe suas duas cartas. Também as leu e disse:

“Vocês são bons filhos! Seus pais fizeram muito por vocês, criando-os tão bem. Isso vale mais do que se lhes tivessem deixado dez mil florins. Não deitarei minha cabeça em paz enquanto não se encontrar uma solução. Vá, minha boa menina; mandarei chamá-la outra vez.”

Beijei-lhe a mão e fui embora.

Na mesma tarde veio o velho criado do fidalgo e me disse que eu devia ir ao castelo. Fui imediatamente com ele. No caminho, explicou como eu devia me comportar diante dos senhores e me conduziu a um aposento magnífico. O fidalgo e sua senhora estavam à mesa. O senhor padre também estava lá.

Inclinei-me diante do fidalgo e do senhor padre e beijei a mão da senhora. Ela sorriu amavelmente e me disse:

“Eu precisaria de uma babá — gostaria de ficar comigo?”

“Oh, minha senhora!”, disse, e as lágrimas me vieram aos olhos.

Não consegui continuar. Mas ela percebeu que eu estava profundamente comovida e muito contente.

“Pois bem”, disse, “fique comigo; e, se você se portar bem, continuarei a cuidar de você.”

Beijei-lhe a mão. Minhas lágrimas caíram sobre ela.

“Esse é o mais belo agradecimento!”, disse. “Pronto — agora você é minha filha.”

Desde então estou no castelo. A senhora é sempre tão carinhosa e amável quanto um anjo. Logo me mandou vestir com roupas inteiramente novas e muito bonitas. A pequena senhorita que me foi confiada é uma criança muito graciosa e encantadora. Já começa a falar e me dá muita alegria. Considero-me muito feliz por ser sua cuidadora. Em suma, estou tão alegre e contente como se estivesse no Céu.

Assim que entrei pela primeira vez no meu pequeno e arrumado quartinho de dormir, caí de joelhos e agradeci a Deus, entre lágrimas, por sua bondosa providência. Ah, é verdade! Quem ama a Deus e confia nele se sai bem. Alegre-se comigo, querido irmão! Deus também cuidará de você, como cuidou de

sua irmã que sempre o amará,
Maria.

Sexta carta

Johannes à sua irmã Maria.

Wiesenthal, 3 de julho de 1806.

Queridíssima irmã!

Não é possível descrever a alegria que sua carta me deu! Deus cuida de nós de maneira visível. Por isso, vamos novamente amá-lo, obedecer-lhe e confiar nele, o amoroso Pai dos pobres órfãos! É verdade que não o vemos; mas vemos claramente que governa o mundo e cuida dos seres humanos. Muitas vezes digo comigo mesmo: "Ah, nossa querida mãe! Se ela ainda tivesse vivido para ver isso!" "Mas não", penso em seguida, "se ainda vivesse, não teria acontecido assim." Você também não vê, querida irmã, como Deus faz tudo dar certo? A ela deu o Céu, e a você um lugar tão bom. Neste mundo ela só teria mais dias amargos — agora tem alegria! Não poderia mais ajudá-la muito — agora ele lhe deu outra mãe!

Mas também vemos como é bom aprender alguma coisa e se portar bem. Se não soubéssemos ler e escrever, se nossos pais não nos tivessem educado bem, você certamente não teria tido essa felicidade. Não acolheriam assim, de uma hora para outra, uma menina tão pobre, vinda da rua. Sim, graças a Deus que nossos pais nos ensinaram a confiar não no dinheiro nem nos bens — mas em Deus, no trabalho e na virtude. O inimigo nos roubou todos os bens. Mas a piedade e a virtude, a aplicação e a habilidade não podem ser tiradas de ninguém. Por isso são os únicos bens verdadeiros dos seres humanos!

Agora me sinto novamente muito fortalecido na confiança em Deus. Não tenho outra preocupação senão fazer a vontade dele. Faça você também assim, querida irmã! Do resto ele cuidará.

Peça diariamente a Deus a graça de cumprir com fidelidade e alegria os novos deveres que ele lhe impôs. Cuidar de crianças é uma ocupação muito bela, sim, um serviço contínuo a Deus. Pois Cristo, o Senhor, diz: “Quem recebe uma criança como esta em meu nome, recebe a mim.” Adeus. Continuo sendo

seu fiel irmão,
Johannes.

Sétima carta

Johannes ao senhor padre de Tannenberg.

Reverendíssimo e mui venerado senhor padre!

Meu coração me diz que devo lhe escrever e agradecer. Mas já sei que não encontrarei palavras suficientes para expressar minha gratidão. O senhor livrou minha irmã de uma grande miséria. Ajudou-a a alcançar uma grande felicidade! Deus vê meu agradecimento e ouve minha súplica filial por seu bem-estar. Ele, que recompensa o gole de água oferecido ao sedento, não deixará sem recompensa uma obra tão grande e boa! Ele, que ouve o grito dos filhotes dos corvos, não deixará sem resposta a súplica de um pobre pastorzinho!

Também gostaria de escrever à bondosa senhora. Mas não tenho coragem. Encarregue-se de lhe agradecer, venerável senhor padre. O senhor apresentou tão bem o pedido; também saberá apresentar da melhor maneira o agradecimento. Diga-lhe que, embora não a conheça, sinto por ela a mais filial

reverência e amor. Com ela me acontece o mesmo que com o bom Deus. Podemos amá-lo sem vê-lo. Quando o sol nasce, rezo para que brilhe para ela de maneira suave e amável; e, quando a estrela da tarde está no céu, suplico que lhe traga paz e descanso!

O homem que me entregou a carta de minha irmã também disse que os jovens senhores do castelo gostam muito de belas borboletas. Junto das minhas ovelhas tenho bastante tempo para apanhá-las. Envio aqui algumas. O senhor vigário mandou colocá-las em molduras com vidro e também me mostrou como conservá-las. Não sei enviar coisa melhor. Afinal, cada um deve dar ao outro tanta alegria quanto puder — e, se os jovens senhores admirarem a onipotência e a bondade de Deus nas belas cores dessas borboletinhas multicoloridas, também se terá feito algo de bom.

Com a mais profunda veneração, sou

de Vossa Reverendíssima o agradecido paroquiano,
Johannes Müller.

Wiesenthal, 3 de julho de 1806.

Oitava carta

Johannes à sua irmã Maria.

Wiesenthal, 20 de agosto de 1806.

Querida irmã!

Agora também tive uma felicidade! Há pouco eu pastoreava minhas ovelhas junto ao riacho. Como gosto de contemplar a sabedoria e a bondade de Deus até nas menores coisas, procurava na margem toda espécie de lindas

conchinhas de caracol e de pequenos moluscos, de listras coloridas. De repente vi alguma coisa brilhando maravilhosamente na grama. Era um anel de ouro, guarnecido de pequenas pedras claras e cintilantes. Logo pensei que devia ser algo muito precioso e pulei de alegria!

Passaram por ali dois judeus. Mostrei-lhes o anel.

“Ora, ora”, disse um deles, “isso é uma raridade. Mas não lhe serve de nada. Olhe aqui! Dou seis groschen por ele.”

“Não entrego o anel”, respondi. “Imagino que alguém o perdeu — e então preciso devolvê-lo. Vendê-lo seria pecado.”

“Ora”, disse, “você não sabe a quem pertence. Dou um táler grande por ele. Veja!”, continuou, mostrando-me um táler brilhante. “Vamos, aceite!”

Balancei a cabeça e disse:

“Não, não! Nem por mil táleres desses eu gostaria de cometer um pecado.”

O outro judeu, que já é um homem velho de cabelos e barba grisalhos, disse:

“Você é um menino honesto. Mas eu também sou um judeu honesto. Guarde o anel e procure saber com empenho a quem pertence. Se não descobrir, o anel é seu. Então procure naquela aldeia, cuja torre você vê, pelo velho Samuel. Se me trouxer o anel, darei cem táleres desses por ele. Pois é isso que vale.” Assim, também entre os judeus há dois tipos de pessoas, como entre os cristãos.

Naquela mesma tarde fui ao senhor vigário e lhe contei tudo.

“O anel”, disse ele, “foi perdido pelo senhor capitão de cavalaria, que esteve aqui outro dia caçando patos. Quem o encontrou honestamente receberá dez

táleres. Deixe o anel e escreva uma carta para acompanhá-lo. Mandarei os dois ao senhor capitão. Ele é o fidalgo mais honrado do mundo. O anel certamente fará sua felicidade."

Também acho, querida irmã, que Deus não me fez encontrar o anel sem motivo, e sou

seu fiel irmão,
Johannes.

Nona carta

Johannes ao senhor capitão de cavalaria von Brav.

Ilustríssimo e bondoso senhor capitão!

Um pobre pastorzinho toma a liberdade de escrever a Vossa Senhoria. Tive a felicidade de encontrar o anel que segue junto. Considero-me ainda mais feliz por poder devolvê-lo ao senhor. Isso desculpará a liberdade desta carta.

O senhor teve a bondade de destinar um presente de dez táleres a quem encontrasse o anel. Mas sua generosidade me dá a ousadia de pedir outro favor. Meus pais perderam tudo por causa da guerra. Ambos morreram. A pobreza me obriga a cuidar das ovelhas. Faço isso com alegria. Mas me preocupo com o futuro. Tenho muita vontade de aprender o ofício de marceneiro e já seria forte o bastante para começar como aprendiz. Por isso lhe peço, bondoso senhor: ajude-me a conseguir isso!

Deus certamente lhe recompensará tão grande benefício, com o qual fará feliz um pobre órfão — e o anel, com suas belas pedras brilhantes, será então duas vezes mais querido para o senhor, pois lhe lembrará uma ação nobre e as lágrimas de gratidão que, com o coração comovido, derramará

de Vossa Senhoria o mais humilde servidor,
Johannes Müller.

Wiesenthal, 21 de agosto de 1806.

Décima carta

Maria ao seu irmão Johannes.

Tannenberg, 30 de agosto de 1806.

Queridíssimo irmão!

Esta é mais uma grande alegria! Deus realmente se ocupa em alegrar aqueles que o amam! Imagine só: o irmão de nossa bondosa senhora, o senhor capitão, está aqui há oito dias. Ontem à tarde os senhores estavam sentados debaixo da grande tília diante do portão do castelo. Os dois cavalheiros fumavam tabaco. A senhora tricotava. Eu estava por perto, com a pequena senhorita nos braços.

Chegou então um mensageiro com uma carta para o senhor capitão. Ele pousou o cachimbo, abriu a carta e disse, contente:

“Ora, aí reaparece meu anel perdido! Fico muito satisfeito!”

Começou a ler a carta em voz alta:

“Ilustríssimo e bondoso senhor capitão! Um pobre pastorzinho…”

“Ah!”, exclamei. “Essa carta é de meu irmão!”

O senhor capitão leu a carta até o fim. A senhora disse então:

“Meu irmão! Deus já nos destinou a ser os pais destas pobres crianças. Acolhi a menina; você precisa se encarregar do menino.”

“Ah, sim”, disse eu, “tenha piedade, Vossa Senhoria!”

“Como, piedade!”, exclamou ele, com ardor. “O bom rapaz merece. Que se faça o que pede.”

O fidalgo disse então:

“Temos aqui um excelente marceneiro que não tem filhos. Vamos pôr o menino como aprendiz dele — assim os dois bons irmãos ficarão juntos no mesmo lugar, e talvez um dia tenhamos mais um homem de bem na aldeia.”

O mestre foi chamado, e tudo ficou acertado na mesma hora. Perguntei se podia ser a primeira a lhe comunicar essa alegre notícia.

“Claro que sim!”, disseram. “Escreva-lhe que venha: quanto antes, melhor!”

Ah, venha logo, queridíssimo irmão! Com mil alegrias e entre lágrimas da mais profunda gratidão ao Pai do Céu, que nos fez tão felizes, correrá ao seu encontro

sua irmã,
Maria.

Décima primeira carta

O senhor capitão de cavalaria von Brav à sua irmã, a senhora von Tannenberg.

Waldau, 18 de novembro de 1816.

Minha queridíssima irmã!

Apresso-me a lhe comunicar uma notícia muito agradável, que dará grande alegria a você e ainda mais aos nossos dois protegidos, Johannes e Maria.

No anel que perdi e que o honesto Johann encontrou, o grande e belo diamante do meio havia ficado frouxo. Fui a um ourives para mandar prender a pedra. O ourives estava sentado à sua bancada; para me cumprimentar, apenas fez um aceno com a cabeça e continuou a limar diligentemente a caixinha de ouro em que trabalhava. À mesa no outro canto do aposento estava sentado um homem de certa idade, vestido pobremente, mas de semblante venerável e estatura imponente. Tinha à sua frente uma caneca de cerveja, ao lado da qual havia um grande pedaço de pão. Quando entrei, o homem imediatamente se levantou, mostrou seu respeito e ficou de pé em posição ereta, como convém a um soldado diante de um oficial.

“O senhor também serviu?”, perguntei-lhe.

“Por vários anos!”, respondeu. “Mas, quando veio a paz, fui dispensado. Minha pequena pensão não basta para o sustento, e por isso preciso ganhar o que falta rachando lenha. O senhor ourives ali teve a bondade de, além do pagamento, ainda me oferecer algo para beber.”

Apertei uma moeda na mão do velho guerreiro, e ele me agradeceu muito cordialmente.

Mostrei então meu anel ao ourives.

“Mil raios!”, disse ele. “É uma felicidade que não tenha perdido a pedra preciosa.”

“Pois”, respondi, “já tive uma vez a infelicidade de perder o anel inteiro. Mas um menino honesto, chamado Johannes Müller, que havia sido expulso de sua terra pela guerra, encontrou-o e o devolveu a mim.”

O honesto guerreiro se levantou, aproximou-se respeitosamente e disse:

“Oh, bondoso senhor, não poderia me contar mais sobre esse menino? De onde ele é? Não tem uma irmã? Sua mãe ainda vive?”

Contei que havia tomado o menino sob minha proteção e mandado ensinar-lhe o ofício de marceneiro; que Marie, sua irmã, estava a seu serviço, minha querida irmã; que ambas as crianças se comportavam extraordinariamente bem; mas que sua mãe, Helena Müller, havia morrido.

“Oh, meu Deus!”, exclamou o soldado, e as lágrimas lhe vieram aos olhos. “São meus filhos, Johannes e Maria. Ah, como me alegro por ainda estarem vivos! Mas a morte de minha boa e fiel esposa me entristece profundamente!”

Depois perguntou, muito ansioso, por todos os pormenores. Contei-lhe o que sabia.

“Ah”, exclamou, “tudo, tudo confere. Só me dói muito que os bons filhos me julguem morto. Mas não me espanta. Eu havia servido na guarda pessoal do príncipe e era casado. Quando estourou a guerra, tive de marchar para o campo de batalha, deixando mulher e filhos para trás. Fui tão gravemente ferido que fiquei no campo de batalha como morto, caí prisioneiro dos inimigos e só depois de muito tempo me recuperei. Enquanto isso, nosso país foi ocupado pelo inimigo, e a mãe com as duas crianças teve de fugir do país. Quando finalmente fui resgatado, esforcei-me de todas as maneiras para saber onde tinham ido parar. Mas todos os meus esforços foram em vão. Pois bem, a mãe ter morrido tão piedosamente e como cristã me serve de grande

consolo! E meus filhos serem piedosos e bons, Maria ter cuidado da mãe até seu fim bem-aventurado, Johannes ter devolvido o anel encontrado e ambos se comportarem tão bem: isso é agora minha maior e única alegria. Não posso agradecer o bastante ao bom Deus por ter cuidado dos dois de maneira tão paternal. Quero viajar imediatamente até eles, mesmo que precise mendigar de lugar em lugar por todo o caminho até Tannenberg; preciso vê-los mais uma vez, e então morrerei de bom grado!"

O bravo e velho guerreiro disse isso com tamanha cordialidade e entre lágrimas tão ardentes que o ourives e eu também ficamos com lágrimas nos olhos. A mulher e os filhos do ourives, que haviam acorrido ao ouvirem o choro e os soluços do homem, também choraram e derramaram muitas lágrimas.

Prometi ao bom e amoroso pai que lhe proporcionaria uma ocasião de viajar a Tannenberg assim que chegasse uma estação mais favorável; que mandaria lhe dar um uniforme novo, como um guerreiro tão bravo bem merecia; e que também lhe daria o dinheiro necessário para a viagem, o que muito o alegrou.

Agora, querida irmã, dê de maneira prudente aos dois bons filhos a alegre notícia de que seu pai ainda vive. Também conto firmemente com sua bondade e humanidade para que reserve ao honesto guerreiro um cantinho de seu castelo durante a estada em Tannenberg.

Cumprimente por mim seu nobre esposo e seus queridos filhos. De todo o coração, sou

seu irmão que a ama,
Adolph.

Décima segunda carta

Johannes ao senhor vigário de Wiesenthal.

Reverendíssimo e mui venerado senhor vigário!

Já naquela época em que eu pastoreava as ovelhas em Wiesenthal, Vossa Reverendíssima cuidou de mim com o maior carinho. Devo ao seu sábio conselho que aquele anel que encontrei junto ao riacho tenha me ajudado a aprender o ofício de marceneiro. O senhor ouviu com alegria como o bom Deus dispôs, por meio daquele mesmo anel, que minha irmã e eu soubéssemos que nosso querido pai ainda estava vivo. Agora certamente também gostará de saber o que aconteceu depois conosco, os filhos, e com nosso pai.

É impossível descrever a alegria que nós dois sentimos ao rever pessoalmente nosso querido pai, que por tanto tempo julgáramos morto. Ele ficou muito admirado por termos crescido tanto nesse meio-tempo; alegrou-se por nos ver com aparência tão vigorosa e saudável; alegrou-se ainda mais por só ouvir coisas boas a nosso respeito.

“Agora tudo estaria bem”, disse, “se a mãe ainda estivesse viva!”

Tivemos de levá-lo ao túmulo dela. Sobre o túmulo há uma cruz de madeira de carvalho. Eu havia empregado toda a minha arte para fazê-la muito bonita. Minha irmã havia enfeitado a cruz com uma coroa de flores justamente no dia anterior à chegada de nosso pai, mas ela já estava murcha. Ao avistar a verde elevação da sepultura, nosso pai desatou a chorar. Sim, nós três choramos e rezamos longamente junto ao túmulo.

“Que descanse em paz!”, disse por fim nosso pai. “Aqui na Terra temos cruzes e sofrimentos; mas, se suportarmos todos os sofrimentos com paciência e confiarmos em Deus, lá nos espera uma coroa que não murcha.”

Nosso pai estava muito contente aqui em Tannenberg; os senhores do castelo, o senhor padre e meu mestre o tratavam com extrema amabilidade e lhe prestavam muitas honras. Depois de passar três semanas conosco, disse ao fidalgo:

“Já fui um peso para Vossa Senhoria por tempo suficiente; é hora de seguir meu caminho com meu bordão.”

Mas o fidalgo respondeu:

“Minha esposa tomou sua filha a seu serviço; meu cunhado, o capitão, cuidou de seu filho — e agora também quero fazer alguma coisa pelo pai desses bons filhos. O senhor viu que minha propriedade é muito grande e extensa, e compreende muitos campos e prados; percebi que entende muito bem de agricultura. Há muito desejo encontrar um homem em cuja fidelidade possa confiar e que saiba supervisionar os numerosos criados. Creio ter encontrado no senhor o homem certo. Por isso lhe destinei esse pequeno emprego, para o qual tem todas as qualidades necessárias e com o qual terá um bom sustento. Não exijo que ponha pessoalmente as mãos no trabalho do campo; é velho demais para isso. Basta-me que organize tudo bem e verifique com diligência se tudo é feito corretamente.”

Nosso pai aceitou alegremente a proposta, e nós, os filhos, também ficamos muito contentes por ele permanecer agora conosco para sempre. Assumiu logo seu novo cargo; como, apesar da idade, ainda é muito vigoroso, pegou imediatamente a gadanha, saiu com os ceifadores para o prado e foi à frente ceifando; também na colheita do cereal exerceu, como dizia, o comando dos

segadores, mas, embora ninguém o exigisse dele, não deixou sua foice descansar um instante, da manhã cedo até a noite.

Meu querido mestre também se afeiçoou muito a meu pai; tornaram-se grandes amigos. Mas, como agora o mestre está velho e debilitado, e sua esposa já não vive, decidiu me entregar sua casa e sua oficina.

"Pois", disse, "estou convencido de que Johannes me dará com segurança o sustento necessário e cuidará de mim com amor filial até minha morte."

Entretanto, ainda havia uma dificuldade nada pequena. Para me tornar mestre, obter o direito de cidadania, comprar uma quantidade maior de madeira e fazer alguns outros pagamentos, era necessária a quantia de cem táleres grandes, e não sabíamos de onde tirar o dinheiro.

Ainda não havíamos dito uma palavra a ninguém sobre a intenção do mestre. Então, ontem de manhã, o senhor padre me mandou chamar, contou cem táleres grandes sobre a mesa e disse:

"Tome, Johannes! É um presente para você, para que possa assumir a casa de seu mestre."

De tão espantado, não consegui dizer uma palavra; parecia-me estar sonhando. O senhor padre sorriu e me explicou o caso. Foi assim: o senhor capitão havia muito pensava em me ajudar a assumir a oficina. Há poucos dias, o senhor padre daqui foi elevado a uma alta dignidade eclesiástica, que o obriga a usar um anel com pedras preciosas. Por isso, o senhor capitão lhe disse:

"Este anel não me serve de nada; é um capital morto. Nem sei para que o uso. Mas agora o senhor pode lhe dar melhor uso. Por isso faço-lhe de presente —

porém sob a condição de que dê cem táleres grandes ao honrado oficial marceneiro Johannes Müller. É esse o valor justo do anel."

O senhor padre ficou tão espantado com essa generosidade quanto eu havia ficado pouco antes, quando ele me contou o dinheiro. Mas o nobre senhor capitão disse apenas:

"Quando se começa alguma coisa boa, é preciso levá-la até o fim. Johannes poderá um dia acolher o pai em sua casa e também a irmã, caso ela não encontre outro sustento. Assim os três estarão amparados."

O senhor capitão ainda havia dito:

"O anel também foi o motivo de nós, meu cunhado e eu, conhecermos e estimarmos o senhor vigário de Wiesenthal; e meu cunhado, o senhor von Tannenberg, o nomeará seu sucessor."

O senhor padre daqui tirou o anel de seu elegante estojo, colocou-o no dedo e disse, comovido e com lágrimas nos olhos:

"Usarei o anel em louvor da divina Providência; ele sempre me lembrará como o bondoso Deus muitas vezes se serve de pequenos meios para conceder grandes benefícios a muitas pessoas."

Venerável senhor vigário! Não preciso lhe dizer quanto alegrará não só a mim, a meu pai e a minha irmã, mas a muitas pessoas, sim, a todas as pessoas daqui, venerarmos no senhor nosso digno pastor de almas. Com a mais sincera reverência e amor,

de Vossa Reverendíssima o eternamente agradecido,
Johannes Müller.

Tannenberg, 17 de maio de 1817.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Produção: Bons Filhos Educação

https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-anel-de-diamante-christoph-von-schmid